



A característica educadora da obra de Sófocles: a busca por um homem ideal no conceito de “justa medida”

The educational features in Sophocles' plays:
The search for the ideal man in the concept of
just measure

Paulo Rogério de Souza
paulo.de.souza@pop.com.br
José Joaquim Pereira Melo
jjpmelo@pop.com.br

Resumo: No período clássico (séculos VI e V a.C.), a Grécia passou por um processo de transição. As transformações ocorridas na sociedade causaram conflitos na forma de viver do homem grego, que se tornaram temas das tragédias apresentadas nas cidades-Estado do século V a.C. Pela importância dada à tragédia no período clássico, esse gênero literário acabou por ser usado pelos administradores e legisladores da *pólis* para ajudar na formação do cidadão. Dentre os poetas trágicos dos quais se têm conhecimentos históricos e literários, Sófocles foi o que melhor expressou como se deu o processo de mudanças pelo qual passou a sociedade da sua época. E buscou com suas peças, com maior clareza e objetividade nas tragédias *Édipo Rei* (Sófocles, 1990c), *Édipo em Colono* (Sófocles, 1990b) e *Antígona* (Sófocles, 1990a), propor a busca de um homem ideal para viver na *pólis* e que superasse os conflitos enfrentados no processo de transição. O poeta procurou no conceito de “justa medida” a solução para o homem grego enfrentar os problemas que as transformações causaram na sociedade, buscando dessa forma a manutenção da ordem social.

Palavras-chave: Tragédia grega, Sófocles, transformação social, educação, conflito social.

Abstract: Greece experienced a transition process during the Classical Period (6th and 5th centuries BC). Transformations in Hellenistic society caused a great deal of conflicts with regard to the manner of living of the Greek citizen. The conflicts were the subject matter in the tragedies that were enacted in the 5th century BC in the state cities. Due to the importance of tragedy in the Classical Period, the literary genre was utilized by the polis's administrators and lawgivers to contribute to the citizens' education. Among the tragic poets about whom there is historical and literary knowledge Sophocles was the playwright who best expressed the process of change that society experienced during that period. With great clarity and objectivity, the tragedies *Oedipus King*, *Oedipus at Colonus* and *Antigone* proposed the ideal man for living in the polis and overcoming the conflicts in the transition process. Through the concept of just measure Sophocles proposed a solution to the Greek citizens so that they might face the problems caused by transformations in society, thus trying to maintain the societal order.

Key words: Greek tragedy, Sophocles, social transformation, education, social conflict.

Sófocles: o poeta educador

Desde a sua origem arcaica, a tragédia foi usada pelo homem como forma de instruir o povo grego. As líricas corais, as primeiras formas da tragédia, já serviam para reforçar o conhecimento que essa sociedade tinha de sua origem heróica da qual acreditavam descender, bem como aprofundavam a sua relação com a religião.

Com a decadência da sociedade gentilícia e o surgimento das cidades, a tragédia assumiu uma nova forma, mas não perdeu a sua função educadora dentro da nova organização social. Aliás, foi no período clássico que a tragédia alcançou destaque e importância como um instrumento para formação do homem que atenderia as necessidades dessa sociedade. E coube aos poetas trágicos a responsabilidade de ajudar nesse processo formativo do seu povo, utilizando para isso a força educativa deste gênero literário.

Os poetas trágicos do período clássico dos quais se têm conhecimentos históricos e literários são Ésquilo (525-456 a.C.), Sófocles (496-405 a.C.) e Eurípides (480-406 a.C.), pois foi destes que restaram inúmeras obras produzidas e informações biográficas. Estas informações foram fornecidas por seus contemporâneos, como o historiador Heródoto, o legislador Péricles, ou pelos filósofos do século seguinte (século IV a.C.), como Platão e, principalmente, Aristóteles (1987), que escreveu uma obra sobre o gênero, a *Poética*, na qual se podem encontrar informações significativas a respeito desses autores trágicos e suas obras.

Dentre estes poetas, Sófocles foi um dos que expressou melhor como se deu o processo de transformação

pelo qual passava a sociedade de sua época. O poeta discutiu em suas peças os padrões morais, políticos e religiosos exigidos aos cidadãos atenienses para a manutenção da ordem social. E refletiu como se poderiam manter a organização e hegemonia da cidade.

Sófocles foi a expressão da pólis grega. Apesar do poeta ter nascido na cidade de Colono no ano de 496 a.C., ele presenciou e vivenciou o apogeu e a derrocada da “cidade grega por excelência” (Mossé, 1997, p. 5), ou seja, da cidade de Atenas, onde passou quase toda a sua vida.

Já na sua infância, Sófocles presenciou as guerras da sua pátria contra os inimigos persas (498-479 a.C.). Na sua adolescência, fez parte do coro dos rapazes que cantaram para celebrar a vitória do seu povo sobre esse mesmo invasor persa na batalha de Salamina (480 a.C.): “[...] depois da batalha de Salamina, em que Ésquilo lutou como homem maduro, Sófocles cantava na peã triunfal¹ do coro de meninos” (Lesky, 1996, p. 141). Isso mostra que o poeta Sófocles se envolvia no meio artístico da cidade de Atenas já na sua juventude, apesar de não pertencer a uma descendência aristocrática.

Não era nobre de nascimento, mas a posição social conquistada pelo pai, membro do setor da sociedade que emergira pelas oportunidades econômicas propiciadas pelas novas relações comerciais, possibilitou a ascensão social da sua família e, conseqüentemente, a sua educação e sua formação intelectual: “Sófocles [...] era um dos membros da nova classe dirigente que não tinha as mesmas tradições da nobreza, mas apenas as disponibilidades econômicas e o nível de educação” (Levi, 1991, p. 240). Foi essa formação que possibilitou a sua participação nos setores mais elevados da sociedade ateniense,

onde a educação intelectual era fundamental para a manutenção das relações políticas, principalmente para os que almejavam alcançar cargos diretivos:

Essa nova classe devia contar com recursos econômicos, sem os quais não se podia ter uma educação superior, nem ter acesso às magistraturas financeiras, nem exercer uma função, como a estratégia, que durante um ano absorvia todas as atividades de seus titulares. O requisito essencial para a nova classe era precisamente a educação, a capacidade de comunicar-se, a superioridade da cultura, que proporcionavam a superioridade na vida pública (Levi, 1991, p. 241).

Sua educação acabou abrindo caminho para que ele não só se tornasse um tragediógrafo, mas também participasse da vida política da sua cidade, ocupando cargos de prestígio e exercendo altas funções na administração da cidade de Atenas, principalmente durante o arcontado de Péricles (443-429 a.C.), com o qual mantinha relações de amizade.

Na sua fase adulta, Sófocles presenciou o momento em que a cidade de Atenas alcançara notáveis conquistas: o advento da moeda que possibilitou a expansão comercial e o enriquecimento da cidade; a criação de códigos de leis escritas para legislar a cidade-Estado; a substituição do governo tirânico pela democracia; as vitórias gregas sobre o inimigo persa que propiciaram uma hegemonia militar a Atenas; o surgimento da filosofia e o desenvolvimento das suas ciências.

As conquistas atenienses foram visíveis nos segmentos econômicos, políticos e militares da sociedade durante o apogeu da cidade de Atenas, no século V a.C. Com o crescimento econômico possibilitado por

¹ Celebração na qual os gregos festejaram a vitória sobre o inimigo persa na batalha de Salamina.

sua liderança no conselho de Delos², Atenas se tornou uma potência no mundo grego. Isso repercutiu no crescimento artístico, nas reflexões filosóficas e no poderio militar dessa cidade, tornando Atenas respeitada pelos aliados por sua riqueza cultural e intelectual e temida pelos inimigos por sua força bélica.

Na política, o sistema democrático de administrar a *pólis* acabou sendo imitado por outras cidades gregas e almejado por aquelas que ainda eram governadas por tiranos ou reis, ou viviam sob outra forma de governo que não a democracia nos moldes de Atenas.

Sófocles não só presenciou esse apogeu e essas conquistas, mas também se verifica que, com seu trabalho artístico, também procurou mostrar como a sociedade lidava com as mudanças que transformavam toda a sua organização social. Sua relação com a cidade era bem próxima. Apesar de não ter sido um político de destaque nos cargos que ocupou em Atenas, nem mesmo um grande guerreiro – característica honrosa para um grego –, apresentou durante a sua vida qualidades cívicas em todas as áreas de atuação:

A estreita relação de Sófocles com a sua cidade natal, vinculação que, ao contrário de Ésquilo e de Eurípides, não lhe permitiu atender ao chamamento de príncipes estrangeiros, se nos manifesta em tríplice forma: em sua obra literária, no seu desempenho de cargos públicos e no serviço do culto de Atena [...] (Lesky, 1996, p. 143).

Com isso, Sófocles acabara mostrando à cidade seu patriotismo e buscou – com sua habilidade de criar obras trágicas – ajudar na organiza-

ção da sua comunidade, na medida em que a tragédia ocupava lugar de destaque na vida do seu povo e influenciava os cidadãos pela sua força educativa. É “[...] em Sófocles que culmina a evolução da poesia grega considerada como processo de objetivação progressiva da formação humana” (Jaeger, 1979, p. 298).

Segundo o mesmo Jaeger, o poeta apresentou algo de novo na sua obra. O que ele procurava com esse processo de formação humana era propor em suas tragédias, ao contrário de seu contemporâneo Eurípides³, um modelo de homem, como lembrara o filósofo Aristóteles, ao mencionar que Sófocles “[...] representava os homens tais como deveriam ser, e Eurípides, tais como são” (Aristóteles, 1987, p. 226).

Sua preocupação não era apresentar o homem real da cidade, mas mostrar como deveria ser este homem; como ele deveria se comportar na *pólis*, sua forma de agir, de se relacionar com os concidadãos. A busca por um ideal humano estava tão presente nas suas peças que o poeta é comparado a um escultor de homens. Sua obra é considerada algo que despertava na consciência humana a necessidade de uma formação sistematizada para a organização da sociedade. Nisso o tragediógrafo ateniense foi mais uma vez inovador, ao tentar despertar na consciência do homem a necessidade de uma formação na busca de um ideal, algo que ainda não havia sido destacado por nenhum poeta anterior a ele:

Um escultor de homens como Sófocles pertence à história da educação humana. E como nenhum outro poeta gre-

go. E num sentido inteiramente novo. É na sua arte, que pela primeira vez se manifesta o despertar da educação humana. É algo totalmente diverso da ação educativa, no sentido de Homero, ou da vontade educadora, no sentido de Ésquilo [...] (Jaeger, 1979, p. 298).

A característica educadora das tragédias sofoclianas estava presente na sua busca pelo ideal de conduta do homem. O poeta procurou apresentar em suas tragédias a narrativa de homens reais diante dos seus conflitos. Mesmo utilizando-se dos heróis míticos em suas peças, Sófocles procurou humanizar suas personagens. Na sua obra “o homem é o centro de tudo e os heróis obedecem ao ideal humano” (Ferreira, 1992, p. 29). Para educar o homem, o tragediógrafo procurava falar aos homens do seu tempo de homens como eles eram e de conflitos por eles vividos:

[...] uma das funções da tragédia era apresentar de forma concreta problemas relativos ao homem e às suas relações com os deuses ou as relações dos homens entre si [...] Aquilo que o poeta escolhe da mitologia dá-lhe não só assunto dramático, mas também os meios para classificar aquilo que interessa e perturba a sua inteligência. O valor desta peça de Sófocles (Édipo em Colono) deve-se, em grande parte, à intensidade com que ele sentiu e pensou este problema, e sobre o seu significado em termos de acção humana (Bowra, 1967, p. 175).

Para Sófocles, o herói era o modelo ideal de homem tal como deveria ser, pois, mesmo sendo humanos, os heróis tinham virtudes que os tornavam superiores aos homens do cotidiano. O herói era descrito pelo poeta como detentor de nobreza, prudência,

² O conselho de Delos, ou Simaquia de Delos, surgiu em 477 a.C., quando os Estados marítimos do Egeu se reuniram à volta de Atenas para se defender e libertar esse mar da influência persa. Para atingir seus objetivos, o conselho de Delos necessitava de constituir e manter uma frota aliada, para a qual os membros deviam contribuir com barcos ou dinheiro, ou apenas numerário. A Simaquia se tornaria um instrumento do imperialismo ateniense, mesmo porque era Atenas que ditava a sua organização (Ferreira, 1992, p. 135-137).

³ Eurípides (480-406): poeta ateniense contemporâneo de Sófocles, que tem como características da sua obra a descrição das personagens como sendo pessoas do cotidiano da *pólis*, tais como elas eram, sem características idealizadas ou virtudes elevadas, como faz Sófocles.

sabedoria, justiça, lealdade, honestidade, virtudes que deviam ser almeçadas pelos homens “comuns” para que se tornassem homens melhores, ou seja, homens ideais.

As suas personagens, na maioria das vezes, eram representadas por homens cheios de paixões violentas – ódio, ciúmes, arrogância, remorso –, mas que carregavam em si as mais altas nobrezas que caracterizavam um herói – coragem, força, persistência, honradez, lealdade, prudência, honestidade, sabedoria. Todas essas características conflitantes do homem “comum” do quotidiano e do herói idealizado se misturavam na construção de seus caracteres:

A indelével impressão causada por Sófocles sobre o Homem actual, a base da sua imortal posição na literatura, são os seus caracteres. [...] ele ergueu figuras humanas de carne e osso, repletas das paixões mais violentas e dos sentimentos mais ternos, de grandeza heróica e altiva humanidade, tão semelhantes a nós e ao mesmo tempo dotados de tão grande nobreza (Jaeger, 1979, p. 296).

Para solucionar o problema criado na tentativa de humanizar o herói, ou de dar ao homem virtudes heróicas mais elevadas, Sófocles apresentou uma característica essencial que marcou o caráter de cada personagem de suas peças: o constante estado de conflito vivido por elas, provocado pela falta de “medida”, de autocontrole, de moderação. O homem ideal de Sófocles não era o herói mítico perfeito, que não cometia falha alguma. O seu homem ideal era aquele que buscava o autocontrole; que convertia as ações virtuosas do herói em atitudes humanas e procurava fugir às paixões, às emoções guiadas pelo instinto, as mesmas emoções das quais eram dotadas as suas personagens em suas peças, as quais acabavam por conduzi-las a um fim trágico.

Para isso, o poeta propunha em sua obra a busca pela “justa medida”. Ele revelava a atitude impulsiva e descomedida da maioria das suas personagens trágicas. Este é o caso de Édipo, Antígona, Creonte, Ajax, que cometem faltas desmedidas nas suas ações e acabam por causar os problemas por eles enfrentados, culminando com todo o mal que lhes acontece na vida, mal que na maioria das vezes é prenunciado pelo coro das peças: “Não é sem razão que o coro das tragédias de Sófocles repete constantemente que a fonte de todo o mal é a ausência de medida [...]” (Jaeger, 1979, p. 302).

Essa idéia de moderação nas ações com a qual o poeta trabalhou em suas peças não é algo que tenha sido criado por ele, mas que já estava presente no ideário do homem grego. No entanto, Sófocles utilizou essa idéia de medida como princípio necessário para o seu homem ideal da cidade:

[...] esta consciência, que enche a época inteira, é uma expressão tão natural da essência mais profunda do povo grego, fundada na *sophrosyne*, que a exaltação da medida em Sófocles parece reboar, em mil ecos concordantes, por toda vastidão do mundo grego. Na realidade, a idéia não era nova. Mas a influência histórica e a importância absoluta duma idéia não dependem nunca de sua novidade, mas sim da profundidade e da força com que foi compreendida e vivida. É em Sófocles que atinge o apogeu o desenvolvimento da idéia grega de medida, considerada como o mais alto valor. É a ele que leva e é nele que encontra a sua clássica expressão poética, como força divina que governa o mundo e a vida (Jaeger, 1979, p. 302).

Sófocles fez uso dessa idéia num momento em que o comedimento das relações entre os homens na sociedade ateniense era algo essencial. A manutenção da organização social era responsabilidade do cidadão, e

para manter essa organização o homem da pólis devia obedecer às normas de moderação social, sejam elas impostas pelas “leis escritas” ou por aquelas que subsistiam pela tradição.

Segundo Jacqueline Romilly, as peças de Sófocles têm algumas personagens que levam ao extremo os seus ideais e acabam por provocar o conflito trágico:

Entre Aias e sua honra e uma Tecmessa se contrapõem uma moral aristocrática fundada na honra e uma moral mais humana fundada nas obrigações para com o próximo. Entre os Atreidas de uma parte e Teucros e Odisseus de outra, contrapõem na mesma peça os direitos da disciplina e o respeito aos méritos passados. Entre Antígona e Ismene, e entre Electra e Crisôtemis, contrapõem-se a revolta e a submissão (Romilly, 1984, p. 103).

O que ele pretendia ao apresentar personagens com esses ideais divergentes era mostrar o conflito que acabavam por provocar pela falta de moderação entre os princípios que cada um defende. É somente pela “medida” que se evita o fim trágico e se encontra o ponto de equilíbrio na busca da manutenção da ordem. Isso era princípio básico não só para as personagens de Sófocles, mas principalmente para os seus espectadores, que viviam numa sociedade democrática, onde a igualdade era o princípio básico entre os seus componentes.

Em rigor, pode-se verificar que as concepções do modelo de homem e as idéias de medida trabalhadas por Sófocles em sua obra foram fundamentais para a estruturação da pólis, em vista do valor dado ao caráter didático que nesse período teve a tragédia, enquanto prática educativa, para a formação da consciência do grego.

Não obstante, apesar de poder ser percebida na totalidade das obras sofoclianas – ao menos das obras

que são conhecidas atualmente e das quais se têm informações históricas –, essa concepção do modelo de homem e da idéia de “justa medida” proposta pelo poeta para organização e manutenção de uma sociedade ideal podem ser verificada com maior clareza e objetivação nas tragédias *Édipo Rei* (Sófocles, 1990c), *Édipo em Colono* (Sófocles, 1990b) e em *Antígona* (Sófocles, 1990a).

O homem idealizado por Sófocles

Em toda a sua obra, Sófocles mostrou o conflito vivido pelo homem grego. No entanto, o seu objeto não era apenas mostrar o embate entre o *gênos* e a *pólis*, “leis divinas” e “leis escritas”, tradição gentílica e justiça da cidade-Estado, mito e razão. O que o poeta propunha nas suas tragédias era a busca de um homem ideal para viver na cidade: um homem com virtudes elevadas, como “[...] piedade, retidão, e lábios / avessos à mentira [...]” (Sófocles, 1990b, vv. 309-310, p. 163), e que usasse o conhecimento, “[...] o bem maior de todos” (Sófocles, 1990a, vv. 777, p. 215), adquirido ao longo de sua existência para ajudá-lo a dominar a natureza a seu favor, para estruturar a cidade, criar as leis e a justiça e para vencer os conflitos enfrentados no momento de transição; enfim, para produzir sua existência, como canta o coro de *Antígona*:

CORO

[...] ele atravessa, ousado, o mar grisalho,
Impulsionado pelo vento sul
Tempestuoso, indiferente às vagas
enormes na iminência de abismá-lo;
e exaure a terra eterna, infatigável,
deusa suprema, abrindo-a com o arado
em sua ida e volta, ano após ano,
auxiliado pela espécie eqüina.
Ele captura a grei das aves lépidas
e as gerações dos animais selvagens:
e prende a fauna dos profundos mares

nas redes envolventes que produz homem de engenho e arte inesgotável. Com suas armadilhas ele prende a besta agreste nos caminhos íngremes; e doma o potro de abundante crina, pondo-lhe na cerviz o mesmo jugo que amansa o fero touro das montanhas.

Soube aprender sozinho a usar a fala e o pensamento mais veloz que o vento e as leis que disciplinam as cidades, e a proteger-se das nevascas gélidas, duras de suportar a céu aberto, e das adversas chuvas fustigantes; ocorrem-lhe recursos para tudo e nada o surpreende sem amparo; somente contra a morte clamará em vão por um socorro, embora saiba fugir até de males intratáveis. Sutil de certo modo na inventiva além do que seria de esperar, e na argúcia, que o desvia às vezes para a maldade, às vezes para o bem, se é reverente às leis de sua terra e segue sempre os rumos da justiça jurada pelos deuses a ele eleva a máxima grandeza a sua pátria (Sófocles, 1990a, vv. 387-423, p. 210-211).

Todo o canto do coro é uma forma de exaltar as conquistas humanas. Ele mostra como essas mesmas conquistas ajudaram a solucionar os problemas do homem, ao mesmo tempo em que provocaram novos conflitos, pelas mudanças que os atos desses homens causavam na sociedade:

Ele fala da grandeza e das conquistas da humanidade – da navegação e da agricultura, da pesca e da doma dos animais, da linguagem, da medicina e da política. Ao mesmo tempo, entretanto, algumas construções ambíguas do verso grego deixam entrever o lado inquietante e infeliz da cultura humana. Esta requer coragem e ousadia – uma “audácia” (*Tolma*) que oscila entre o excesso e a falta, unindo no mesmo ato o vício e a virtude (Rosenfield, 2002, p. 35).

É este homem que o poeta considera como a maior “maravilha” entre todas as existentes: “Há muitas ma-

ravilhas, mas nenhuma/ é tão maravilhosa quanto o homem” (Sófocles, 1990a, vv. 385-386, p. 210).

Sófocles, como já mencionado, usa o modelo do herói para descrever os feitos desse homem que ele propõe, visto que eram os heróis, segundo a tradição grega, os mais virtuosos entre os humanos: “Os heróis, na religião antiga, são seres poderosos, por vezes intratavelmente benévolos, por vezes claramente malévolos” (Bonnard, 1980, p. 294). O herói sofocliano tem um caráter universal e coletivo, não mais um caráter individual e particular como o herói de Homero. Seu papel na sociedade não é mais exclusivamente a do guerreiro que deve defender a comunidade com força, coragem, valentia: passa a ser a do bom cidadão que deve buscar manter a ordem social, com “[...] piedade, retidão e lábios / avessos à mentira...” (Sófocles, 1990b, vv. 1308-1309, p. 163).

Ao descrever as virtudes do herói, é às virtudes humanas que o poeta remete. Os desvios de conduta do herói são as falhas dos homens “comuns” da cidade. Ao narrar o conflito do herói, ele fala dos conflitos do cidadão da *pólis* diante do conflito da transição; e a dor do herói é a dor dos homens.

A personagem de Édipo é a representação mais completa desta humanidade expressa no herói sofocliano: “A tragédia de Édipo é a tragédia do homem. Não a de um homem particular, com seu caráter distinto e seus debates interiores próprios. [...] é a tragédia do homem na plena posse de todo o poder humano” (Bonnard, 1980, p. 287).

Sófocles utilizou Édipo como um modelo exemplar de cidadão da *pólis* democrática, pois toda a busca de Édipo pelo conhecimento não tem como objetivo o próprio interesse. Toda reflexão e ação que levam o herói a percorrer a trajetória trágica são executadas como forma de buscar o interesse coletivo:

Édipo pôs sempre esta ação refletida a serviço da comunidade. E esse é um aspecto essencial de perfeição do homem. Édipo tem uma vocação de cidadão e de chefe. Não a realiza como um “tirano” (apesar do falso título, em grego), mas em lúcida submissão ao bem da comunidade. [...] Édipo está pronto, a todo momento, a dedicar-se inteiramente à cidade (Bonnard, 1980, p. 287).

Desta forma, o herói sofocliano atua dentro da cidade com a ação considerada mais nobre para um homem da *pólis* ou para um cidadão, que é a virtude de dedicar-se aos seus “semelhantes”: “Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre/ de um homem é ser útil aos seus semelhantes/ até o limite máximo de suas forças” (Sófocles, 1990c, vv. 374-376, p. 34).

Encontra-se também a preocupação de Sófocles em apresentar, pela personagem de Édipo, a necessidade de o cidadão dedicar-se à comunidade e ao bem comum dos seus concidadãos, em detrimento do interesse particular.

O modelo de homem sofocliano e o ideal de “justa medida”

Ao indagar qual a proposta de um homem idealizado por Sófocles, não se pode deixar de verificar algo que era básico para a formação deste homem: o ideal de *Sophrosyne*, ou ideal da “justa medida”: “À *sophrosyne*, virtude do justo meio, corresponde à imagem de uma ordem política que impõe um equilíbrio a forças contrárias, que estabelecem um acordo entre elementos rivais [...]” (Vernant, 2002, p. 90). Isto porque, como já foi discutido anteriormente, a tragédia sofocliana apresenta o conflito vivido pelo homem do período de transição, provocado pelas mudanças na estrutura social e na forma de o homem enxergar o mundo e a si mesmo.

Nesse processo conflituoso, o poeta buscou no ideal de medida a solução para o homem enfrentar os problemas que as transformações causavam na sociedade, de maneira que fosse possível manter a ordem social. Para ele, o homem precisava equilibrar as forças contrárias para que pudesse bem viver, porquanto o homem que se deixava dominar pelas paixões desmedidas e não controlava seus instintos violentos causava a desordem social e estava fadado a um fim trágico:

CORO

Mas o homem que nos atos e palavras se deixa dominar por vão orgulho sem rezear a obra da justiça e não cultua propriamente os deuses está fadado a doloroso fim, vítima da arrogância criminosa que o induziu a desmedidos ganhos (Sófocles, 1990c, vv. 1057-1063, p. 63).

Da mesma forma que o conflito é um tema constante na obra de Sófocles, a idéia de *sophrosyne*, da necessidade de justo meio, também é ressaltada pelo poeta, pois o fim trágico do herói sofocliano só se dá pela falta de moderação dessas personagens.

O conflito entre Antígona e Creonte na peça *Antígona* (Sófocles, 1990a) é um exemplo desta falta de medida, que acaba levando as personagens à morte ou à desgraça e provocando uma desordem social. É o que acontece nessa peça no momento em que Antígona é levada à presença de Creonte, depois de ser flagrada desobedecendo às leis impostas pelo rei de Tebas. Ambas as personagens defendem com afinco suas posições: Antígona se apóia nas “leis divinas” da tradição, e Creonte, nas “leis escritas” da nova ordem social.

O que, em princípio, aparenta ser um conflito entre a antiga ordem patriarcal e a cidade-Estado democráti-

ca, entre “leis divinas” e “leis humanas”, acaba por revelar outra discussão. O que Sófocles procurou mostrar com este embate é a falta de moderação por parte das duas personagens, visto que ambas acreditam estar certas do que defendem. Mas acabam provocando a desordem social na maneira conflituosa com que tentam apresentar suas posições, causada pela falta de medida:

CORO

A desmedida empáfia nas palavras reverte em desmedidos golpes contra os vaidosos que já na velhice, aprendem afinal prudência [...] (Sófocles, 1990a, vv. 1489-1492, p. 251).

Creonte, tido como um rei sábio e justo, que se utiliza dessas virtudes para bem governar a cidade – fazendo obedecer às leis da *pólis* –, ao desrespeitar a tradição, acaba por se mostrar um “tirano” violento que tenta impor o seu poder na sociedade pela força, não respeitando as diferenças sociais, agindo de maneira desmedida. Ele deixa de lado as características do bom governante da cidade-Estado democrática:

O bom governo, ou a soberania, quando bem exercido em uma cidade, Polis, implica em falar e escutar, em decidir e obedecer, em ensinar e aprender. O bom governo implica não apenas no exercício do comando legal e guerreiro; implica também em oscular aqueles que se subordinam às leis da cidade e que, deste modo, mereçam ser denominados cidadãos (Nalli, 1980, p. 28).

Em outro aspecto, Antígona, ao justificar a sua desobediência às leis da cidade em defesa da tradição e da lei que considera divina, pois “[...] não é de hoje, não é de ontem, / é desde os tempos mais remotos que elas vigem [...]” (Sófocles, 1990a, vv. 518-519, p. 214), também age de maneira desmedida diante das “leis escritas” da cidade-Estado, criadas pelo

homem para manter a ordem na comunidade

Os atos desmedidos das personagens não causam apenas o fim trágico de ambos, mas também a desordem em toda a sociedade, pois acabam por dividir a opinião dos que procuram defender um dos lados, aumentando assim o estado de tensão e de conflito de toda a comunidade:

[...] o hino exalta e lamenta tanto a transgressão de Antígona como o rigor de Creonte. Ambos os personagens cometeram gestos audaciosos, além da medida normal do homem, que colocaram em perigo a cidade (Rosenfield, 2002, p. 43).

A morte de Antígona e o sofrimento que se abate sobre Creonte – o assassinato do filho Hêmon, que morre ao tentar agredir o pai num acesso de fúria, e a morte da mulher Eurídice, que comete suicídio ao saber da morte do filho – são exemplos da desordem provocada pela ação desmedida das personagens e dos homens da pólis que elas representam.

Já na peça *Édipo Rei* (Sófocles, 1990c), a ação desmedida é um ato particular. A ação desmedida da personagem protagonista está na presunção de Édipo em acreditar que pode, sozinho, solucionar os problemas da cidade. Mesmo sendo considerado o mais sábio entre todos os homens: “[...] te julgamos o melhor dos homens” (Sófocles, 1990c, vv. 42, p. 22), Édipo acaba por decretar o próprio castigo, devido à sua arrogância: “Ele não é a causa dos teus males; / tu mesmo os chamas sobre ti e mais ninguém” (Sófocles, 1990c, vv. 454-455, p. 38).

Édipo não age de forma desmedida ao não aceitar os conselhos do adivinho Tirésias ou ao não dar ouvidos aos prelúdios dos oráculos transmitidos por Creonte; ou ainda, ao insistir na sua busca por respostas, mesmo diante das súplicas de Jocasta. Seu ato de desmedida está na sua

procura solitária por solucionar o problema de toda uma comunidade. O herói não aceita a ajuda dos seus concidadãos por se considerar superior a todos os cidadãos de Tebas e até mesmo superior às divindades: “[...] pois cheguei, sem nada conhecer, eu Édipo / e impus silêncio à esfinge; veio a solução / de minha mente e não das aves agoureiras [...]” (Sófocles, 1990c, vv. 476-479, p. 39).

Ao declarar-se superior aos homens e aos deuses, Édipo age como um “tirano” arrogante e pretensioso, e seus atos e suas palavras desmedidos fazem com que o até então sábio e justo rei de Tebas acabe por tornar-se vítima da própria arrogância, levando-o a desrespeitar até mesmo o que a cidade considera sagrado:

CORO

[...] o homem que nos atos e palavras se deixa dominar por vão orgulho sem recear a obra da justiça e não cultua propriamente os deuses está fadado a doloroso fim, vítima da arrogância criminosa que induziu a desmedidos ganhos, a sacrilégios, a loucura máxima de profanar até as coisas santas (Sófocles, 1990c, vv. 1051-1059, p. 63).

Essa ação individual e particularizada numa sociedade da igualdade de direitos coletivos, como propõe a *pólis* democrática, é que revela a falta de medida do herói. Isso acaba por provocar seus males e leva-o ao sofrimento, ao fim trágico:

CORO

O orgulho é o alimento do tirano; quando ele faz exagerada messe de abusos e temeridades fátuas inevitavelmente precipita-se dos píncaros no abismo mais profundo de males de onde nunca sairá (Sófocles, 1990c, vv. 1040-1046, p. 63).

Cego pelo ato desmedido de considerar-se detentor da sabedoria necessária para, sozinho, salvar a cida-

de da peste que a assola, Édipo acaba por não fazer uso da sensatez, agindo por impulso de suas paixões. Ele age pela vontade particular, sem refletir sobre a melhor forma de proceder.

Desta maneira suas ações precipitadas – tanto as de homem que não procura na reflexão as soluções dos problemas, como as de governante que age de maneira violenta e insensata – são falhas: “Creio, senhor, que ele falou sensatamente, / como quem faz esforços para não errar; / quem julga afoitamente não é infalível” (Sófocles, 1990c, vv. 720-722, p. 49).

Essas ações acabam levando o herói a descobrir que foram seus atos violentos e irrefletidos – ao assassinar Laio na encruzilhada – a causa dos males e da desordem social da cidade que ele governa, e também dos próprios males que causam sua desgraça:

ÉDIPO

Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!
Ah! Luz do sol. Queiram os deuses que esta seja a derradeira vez que te contemplo!
Hoje tornou-se claro a todos que eu não poderia nascer de quem nasci, nem viver com quem vivo e, mais ainda, assassinei quem não devia! (Sófocles, 1990c, vv. 1387-1392, p. 82).

Ao mostrar o sábio Édipo caído em desgraça diante da descoberta do seu parricídio e do incesto, e cego após vazar os próprios olhos, Sófocles representa nesta personagem a ignorância e a limitação do homem, considerado um ser frágil:

CORO

Vossa existência, frágeis mortais, é aos meus olhos menos que nada. Felicidade só conheceis imaginada; vossa ilusão

logo é seguida pela desdita.
Com teu destino por paradigma,
desventurado, mísero Édipo,
julgo impossível que nesta vida
qualquer dos homens seja feliz (Sófocles,
1990c, vv. 1393-1401, p. 83).

Aquele que antes guiava a cidade com soberania, que governava a *pólis* com autonomia, passa a estar subordinado e a ser guiado por outros. Édipo, antes um homem poderoso e sábio, agora apresenta suas limitações e sua dependência para manter-se e para guiar-se. O privilégio de depender só de si mesmo acaba quando o homem, representado por Édipo, não procura conduzir sua vida pela “justa medida” e provoca, assim, os males a si mesmo:

CRIADO

Ele esbraveja e manda que abram o palácio e mostrem aos tebanos logo o parricida, o filho cujo mãe... não posso repetir suas sacrílegas palavras; ele fala em exilar-se e afirma que não ficará neste palácio, vítima das maldições por ele mesmo proferidas. Devemos levar-lhe apoio, dar-lhe um guia, pois seu mal é muito grande para que ele sofra só (Sófocles, 1990c, vv. 1525-1533, p. 86).

É na cegueira e na limitação física proporcionada por ela que o considerado “poderoso” rei Édipo descobre suas limitações e a fragilidade do homem: “[...] sei muito bem, ancião, que sou apenas homem / e que não me pertence o dia de amanhã / da mesma forma que sei que não é senhor do teu” (Sófocles, 1990b, vv. 627-629, p. 134).

Ao mesmo tempo, é nessa condição que Édipo consegue descobrir que o verdadeiro homem sábio é o que busca no conhecimento não apenas o saber, mas a possibilidade de usar esse conhecimento para tor-

nar-se prudente: “[...] quero ouvir-lhes as palavras, / pois as informações nos fazem ser prudentes” (Sófocles, 1990b, vv. 133-134, p. 109). Somente na prudência o homem encontra a moderação e o autocontrole necessários para manutenção da ordem e do bem comum na cidade-Estado: “Destaca-se a prudência sobremodo / como a primeira condição / para a felicidade [...]” (Sófocles, 1990a, vv. 1485-1487, p. 251).

Com isso, o que se entende é que a obra de Sófocles – principalmente as peças que compõem a “Trilogia Tebana” – não só representavam o conflito vivido pelo homem do século V a.C., mas, sobretudo, tinha como proposta apresentar um modelo de homem que seria ideal para superar este conflito; e era pela idéia de “justa medida” que o poeta trágico apresentava a condição básica para esse homem alcançar uma condição ideal. Somente encontrando-se o ponto de moderação entre as forças contrárias que provocavam o estado de conflito é que se teria o homem ideal para viver em comunidade e se alcançaria o estágio de cidadão para bem viver na *pólis* democrática.

Referências

- ARISTÓTELES. 1987. *Poética*. São Paulo, Nova Cultural, 533 p. (Os Pensadores).
- BONNARD, André. 1980. *A civilização grega*. São Paulo, Martins Fontes, 760 p.
- BOWRA, C.M. 1967. *A experiência grega*. Lisboa, Arcádia, 325 p.
- FERREIRA, J.R. 1992. *A Grécia antiga: sociedade e política*. Lisboa, Edições 70, 279 p.
- JAEGER, W. 1979. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo, Herder, 1343 p.
- LESKY, A. 1996. *A tragédia grega*. 3ª ed., São Paulo, Editora Perspectiva, 307 p.
- LEVI, M.A. 1991. *Péricles: um homem, um regime, uma cultura*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 368 p.
- MOSSÉ, C. 1997. *Atenas: a história de uma democracia*. 3ª ed., Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 142 p.
- NALLI, M.A.G. 1980. *A tragédia com arte*

- política: Antígona e Sófocles. *Boletim/Centro de Letras; Ciências Humanas da Universidade de Londrina*, 1:17-30.
- ROMILLY, J. de. 1984. *Fundamentos de literatura grega*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 311 p.
- ROSENFELD, K.H. 2002. *Sófocles e Antígona*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 74 p.
- SÓFOCLES. 1990a. *Antígona*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 254 p.
- SÓFOCLES. 1990b. *Édipo em Colono*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 254 p.
- SÓFOCLES. 1990c. *Édipo Rei*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 254 p.
- VERNANT, J-P. 2002. *As origens do pensamento grego*. 12ª ed., Rio Janeiro, Difel, 143 p.

Submetido em: 13/10/2007

Aceito em: 11/02/2008

Paulo Rogério de Souza
Universidade Estadual de Maringá
Av. Colombo, 5.790 – Jd. Universitário
87020-900, Maringá, PR, Brasil

José Joaquim Pereira Melo
DFE/PPE/UEM
Av. Colombo, 5.790 – Jd. Universitário
87020-900, Maringá, PR, Brasil